

**A OUTRA  
FACE  
DO DESEJO**  
**LUIS EDUARDO MATTA**



PRIMAVERA  
EDITORIAL

Para Denise, a face única do meu amor

# PARTE I

VIÚVA AOS  
36 ANOS

# CAPÍTULO 1

## **Viúva aos 36 anos.**

Essa constatação torturava Fernanda Soares de Lima Figueroa naquele entardecer nublado do final de março, enquanto ela seguia o cortejo com o caixão do marido pelas aleias plácidas do Cemitério de São João Batista, na zona sul do Rio de Janeiro, em direção à sepultura. Acabara de ficar viúva aos 36 anos e, à medida que as horas daquele dia dramático avançavam, sentia uma mistura desesperadora de angústia e remorso apossar-se dela, quase a ponto de sufocá-la.

Estava afogada nos próprios pensamentos e temores e tão absorvida por eles que, por alguns instantes, um silêncio pesado a envolveu e ela sentiu uma solidão opressiva. Como se não houvesse ninguém ali, como se nenhum ruído estivesse sendo produzido, como se tudo à volta, subitamente, tivesse parado, tal qual a imagem congelada de um vídeo.

De braços dados com a irmã Natália e segurando um pequeno saco com pétalas de rosas, Fernanda caminhava com o olhar murcho e perdido, enquanto contemplava, desolada, o caixão de madeira brilhosa com o corpo de Guilherme Figueroa sendo empurrado sobre um carrinho, logo à sua frente. Três vistosas coroas de flores estavam depositadas sobre ele, impregnando o ar com o cheiro acre de crisântemos. Para Fernanda, os crisântemos tinham o aroma de morte, um aroma sempre associado a velórios, embalados pelo pranto dos parentes que ficavam e pela atmosfera carregada de tristeza e abandono.

Fora assim nos velórios de seus pais, há alguns anos, mortos num espaço de pouco menos de 11 meses; o pai num acidente de carro e a mãe, devido a um linfoma descoberto em estado adiantado, que Fernanda acreditava ter sido causado pelo desgosto pela perda súbita do companheiro de mais de quarenta anos. Foram tempos difíceis e, agora, Fernanda aterrorizava-se ao perceber que estava vivendo aquele tormento novamente.

Tudo acontecera muito depressa. Fernanda ainda não conseguia acreditar totalmente que Guilherme se fora. De vez em quando sentia que, em instantes, iria acordar daquele pesadelo, virar-se na cama e ver Guilherme dormindo serenamente ao seu lado, o torso subindo e descendo ritmado sob o lençol, no compasso da respiração quase silenciosa, indicando que continuava vivo. Eram devaneios que não duravam mais do que um par de segundos antes de Fernanda tornar a visualizar a calmaria mórbida do cemitério, as lápides de mármore enfeitadas com epitáfios, frases de despedida e lindas esculturas de santos, anjos e crucifixos.

Estava casada com Guilherme havia 14 anos. Durante boa parte desse tempo ele fora, acima de tudo, um grande amigo, seu principal confidente e aliado. O homem que a apoiara em momentos mais do que decisivos em sua vida. O homem que lhe oferecera um amor incondicional e um carinho quase paternal, que lhe dava a sensação de estar permanentemente segura e protegida. Guilherme era o seu porto seguro, um homem sábio, 15 anos mais velho, experiente, e que se tornara a sua família, sobretudo depois da morte dos pais. Fernanda gostava muito do marido, mas reconhecia que nunca fora verdadeiramente apaixonada por ele. Seu casamento fora morno. Confortável, estável, com muito diálogo e companheirismo, mas, mesmo assim, morno. Talvez por isso ele tivesse entrado em crise há cerca de sete meses e, desde então, se encontrasse numa rota acelerada de deterioração.

Sem nenhuma razão aparente, Guilherme começou, aos poucos, a mudar seu comportamento. Antes carinhoso, bem-humorado e atencioso, tornou-se sisudo e enigmático e passou a se esquivar dela, a conversar menos, a procurá-la menos na cama. Intrigada, Fernanda dedicou os últimos meses a entender o que estava provocando aquilo. Uma amante? Problemas no trabalho? Uma depressão? Ela nunca descobriria. De vez em quando, observava com atenção os olhos do marido e tudo o que via neles era tristeza. Tentou ajudá-lo, estimulá-lo a desabafar, mas ele sempre optava pelo silêncio. Nas semanas que antecederam o último Natal, começaram as brigas. Esporádicas a princípio, mas que foram se tornando quase diárias com o passar dos meses. O casamento tornou-se um inferno. A separação seria uma questão de muito pouco tempo.

Mesmo assim, Fernanda não se conformava. Como era possível que um ataque cardíaco houvesse tirado a vida de Guilherme de maneira tão repentina e fulminante? Ele parecia incrivelmente saudável e bem-disposto nos seus 52 anos. O rosto corado que ele exibía naquela manhã ao sair para o escritório – de onde, apenas duas horas mais tarde, Fernanda recebeu o telefonema com a notícia de que ele estava morto – era a antítese da aparência desbotada que se espera de alguém no limiar de uma traição súbita das funções vitais.

Depois do primeiro infarto que tivera cerca de oito anos antes e que, felizmente, fora detectado a tempo de ser revertido, mas que lhe custara uma ponte de safena,

Guilherme – então um homem sedentário, sempre apressado, e de hábitos alimentares condenáveis – modificou drasticamente o seu estilo de vida. Suavizou o ritmo de trabalho, começou a caminhar quase diariamente pela orla e adotou uma dieta balanceada, reduzindo a ingestão de gorduras e sal e substituindo-as por frutas, vegetais, fibras e carnes magras. Também passou a tomar suplementos vitamínicos prescritos por um nutrólogo, que ajudaram, e muito, a normalizar os seus níveis sanguíneos de colesterol e triglicérides, estabilizando-os em valores excelentes. Os últimos *check-ups* indicavam que seu organismo estava numa fase excepcional e que os riscos de uma nova complicação cardíaca eram mínimos.

Fernanda sentia-se perdida. Como viveria dali em diante? Seus pais estavam mortos e, agora, não tinha mais o marido. Toda a sua família, à exceção da irmã, se fora. Estava praticamente sozinha no mundo. Ao término do sepultamento, todas aquelas pessoas presentes no cemitério lhe dirigiriam condolências polidas, algumas talvez um pouco mais emocionadas, e voltariam para suas casas a fim de retomar suas rotinas e seus afazeres. Uma sensação de desamparo a envolveu. Suas pernas fraquejaram e, na mesma hora, Natália segurou-a, passando o braço por seus ombros e sussurrando piedosamente em seu ouvido:

— Agente firme, minha irmã. Estou aqui com você.

— Está tudo bem — balbuciou Fernanda, de volta. Ela comprimiu mais o braço da irmã contra o seu corpo, num gesto afetivo e, passados alguns segundos, complementou, com a voz rouca e um esboço de sorriso: — Obrigada.

Natália era mais velha do que ela e viera às pressas da Paraíba para o enterro. Ela morava havia três anos em Campina Grande com os dois filhos e o segundo marido, que fora contratado para dirigir uma empresa de software na cidade. O carrinho com o caixão foi conduzido até uma aleia paralela, mais estreita, onde ficava o imponente jazigo perpétuo da família Figueroa, todo de mármore italiano.

Através das lentes dos óculos escuros e com os olhos turvos pelas lágrimas, Fernanda avistou dona Adelina Figueroa, a mãe de Guilherme, a pouca distância, abrindo caminho lentamente na multidão de pessoas presentes e segurando nas mãos um pequeno ramo de flores amarelas. Era uma senhora ativa de 75 anos, alta, magra, sempre muito bem-vestida e de cabelos alourados impecavelmente arrumados.

Durante todo o velório, Adelina manteve-se séria, o semblante impassível e poucas palavras dirigiu aos que lhe vieram prestar condolências. Em nenhum momento olhou ou falou com Fernanda e, na capela, procurou se manter distante dela, deixando bem claro que estava ali unicamente para despedir-se do filho. Fernanda olhou demoradamente para a sogra. Sua dor, por trás daquela fachada pétrea, devia ser imensa, afinal Guilherme era seu único filho e Fernanda sabia que ela o adorava. Por um instante, sentiu um impulso de correr para abraçá-la e chorar sobre o seu

ombro, mas não teve coragem. Adelina, sem a menor dúvida, a repeliria. Elas nunca se deram bem.

A sepultura foi aberta. Fernanda ergueu rapidamente os olhos para o alto. Nuvens cinzentas pareciam brigar por espaço no céu, deixando o sol se insinuar tímido e pálido por instantes muito breves, antes de desaparecer novamente. Desde o final da manhã o tempo começou a mudar na cidade, um alívio após várias semanas de sol escaldante. Uma brisa fresca e constante soprava no local e tudo indicava que à noite cairia um temporal. Pequenas caixas com as ossadas dos parentes de Guilherme enterrados ali foram retiradas a fim de permitir a entrada do caixão. Tão logo ele desceu à sepultura, Adelina aproximou-se e, depois de fazer o sinal da cruz, sussurrou alguma coisa que parecia ser uma oração breve, e lançou as flores na cova, indo embora em seguida, sem olhar para trás.

Fernanda esperou a sogra distanciar-se e abriu o saquinho que trazia consigo. Com as mãos, foi atirando as pétalas de rosas, vermelhas e brancas, sobre o caixão. A sensação de fazer aquilo era a pior possível. Nunca mais veria o marido. Ela começou a tremer.

— Adeus, meu querido — disse, emocionada, num murmúrio inaudível para quem estava ao redor. Sentiu uma enorme saudade do marido e, a essa altura, já não conseguia conter alguns filetes de lágrimas, que escorriam quentes pelo seu rosto. — Que pena... — a voz saía cada vez mais trêmula. — Que pena que não pudemos conversar um pouco mais e nos entender. Fomos tão felizes um dia... Por que tínhamos de terminar assim? Sem ao menos um abraço...

Fernanda deu dois passos para trás e, cabisbaixa, retirou-se dali. Não teve coragem de olhar à volta. Com certeza, todo mundo a observava com compaixão e indulgência, e Fernanda não sabia se lhes agradecia o carinho ou se isso a fazia se sentir ainda mais derrotada e diminuída. Sempre lhe incomodara ser alvo de piedade. Talvez por ser uma mulher intimamente frágil, que procurava disfarçar essa fraqueza, enfurnando-se numa armadura emocional que exibia, permanentemente, uma imagem forjada de pessoa bem-resolvida. Agora, protagonizando um momento trágico de perda, onde a dor era indisfarçável, ela sentia suas emoções nuas. Sem máscaras, sem escudos, sem nenhum tipo de defesa contra o olhar e o julgamento alheio, Fernanda estava incomodamente exposta na sua real condição de mulher solitária, ansiosa, insatisfeita e insegura. A viuvez precoce serviria para acentuar ainda mais essas características. Fernanda se segurava. Não queria chorar em público. Faria isso quando estivesse a sós, em casa.

O esforço, no entanto, não durou muito. Enquanto se afastava da sepultura, ela notou uma mulher apressada, pedindo passagem às pessoas aglomeradas no local. Miriam Ortiz era sua melhor amiga, além de advogada no escritório de Guilherme.

Ela trazia os vistosos cabelos louros compridos presos num comportado rabo de cavalo e seu rosto estava recoberto pelas lágrimas quando ela correu para abraçar Fernanda. Seu rosto estava desfigurado pela dor e ela chorava como uma criança. Nesse momento, as comportas se abriram e Fernanda, enfim, extravasou toda a dor represada. Chorou com força, sonoramente, como se nunca mais fosse conseguir parar. Seu peito chegou a doer. Era tudo muito triste.

— Pensei que você não viesse mais — disse Fernanda, olhando para Miriam e abraçando-a novamente. — Que bom que você está aqui. Que bom que você existe — e recomeçou a chorar.

— Desculpe não ter chegado antes. O escritório hoje está uma loucura, com metade dos funcionários aqui. Mas eu não podia deixar de me despedir do Guilherme. Você sabe o quanto ele representou para mim. Não consigo me conformar, Fernanda. Foi tudo tão de repente...

Fernanda enxugou as lágrimas do rosto e recuperou o fôlego.

— O que vai ser de mim agora, Miriam? O que vai ser de mim sem o Guilherme? — o timbre de sua voz diminuía à medida que ela falava. — Estou sozinha.

— Não. Não está. Você tem o seu trabalho, tem a sua irmã, tem os seus amigos, tem a mim. Eu te adoro, amiga, você sabe disso. Vou estar do seu lado. Conte comigo. Você vai vencer isso. Confie em Deus.

Fernanda segurou as mãos de Miriam e ficou assim por alguns segundos, com a boca comprimida. Abraçou-a novamente. Já não conseguia raciocinar direito. Queria ir embora para casa. Era só no que conseguia pensar.

Depois de receber os cumprimentos das pessoas, a maioria amigos e colegas de Guilherme, ela foi caminhando pelo cemitério, amparada por Miriam e Natália. Alcançaram o estacionamento no momento em que um Peugeot azul fazia a última manobra para entrar numa vaga. Breno Vergueiro desceu apressado e ao ver Fernanda andando quase carregada pelas duas, como se estivesse embriagada, correu na direção delas. Aos 34 anos, ele era um jovem bonito e gentil, que trabalhava havia pouco mais de um ano na empresa de Fernanda.

Breno enlaçou Fernanda afetuosamente, sem dizer nada. Numa situação como aquela, realmente havia pouco a dizer e Fernanda compreendeu perfeitamente.

— Vim o mais rápido que pude — ele disse, afinal. — Fiquei sabendo lá na firma.

— Obrigada.

— Eu sinto muito, Fernanda. Se eu puder fazer alguma coisa...

Fernanda não respondeu. Como comida, passou a mão delicadamente pelo rosto dele, em sinal de gratidão, tentando sorrir.

Foi quando ela esticou os olhos por trás de Breno e avistou a sogra. Adelina Figueroa olhava fixamente para eles com um sombrio ar de desaprovação, enquanto



o motorista permanecia de pé, com a porta traseira do Mercedes Benz aberta, esperando que ela entrasse.

— Parece que sua sogra não gostou muito de me ver aqui... — disse Breno, embaraçado.

— Como, se ela nem te conhece? — respondeu Fernanda.

Ela voltou o olhar novamente para Adelina, mas a sogra já havia se acomodado no carro. Quando o motorista deu a partida e o Mercedes deixou o cemitério, a brisa fresca começou a soprar mais forte, transformando-se em vendaval, e Fernanda teve um mau presságio. Alguma coisa na expressão e na atitude de Adelina a amedrontara, mas ela não sabia explicar exatamente o que era.

Despediu-se de Breno e, ladeada por Miriam e Natália, completou o percurso até o seu carro. Recostou-se no banco do carona enquanto Natália tomava lugar na direção, e cerrou os olhos, num misto de medo e tristeza.

Durante muitos dias teria pesadelos com aquele olhar de Adelina. Era um olhar frio, quase maligno, repleto de um ódio destrutivo. Fernanda sempre soubera que a sogra a detestava, mas, naquela tarde, pela primeira vez na vida, isso a assustou.